

Eisenhower Tenta Eliminar Contradições

Realiza-se aproximadamente a excursão de Eisenhower pela Europa e Oriente Médio, ali a Índia, preparatória da conferência de cúpula e de sua visita à URSS. O comunicado conjunto de seu encontro com os governantes italianos contém a reafirmação do desejo expresso pelo dirigente americano de "prosseguir uma política tendo por objetivo reduzir o peso dos armamentos no mundo".

Por seu mesmo, é incompreensível a afirmação contida no comunicado em nome dos dois Presidentes, de "que a Aliança Atlântica (o famoso Pacto militar do Atlântico Norte) continua sendo a chave mestra da política exterior de seus países".

Não é esta uma boa forma de chegar a entendimentos entre o Leste e o Oeste para o alívio ulterior da tensão interna.

ternacional, e sobretudo para o desarmamento geral e total, universalmente desejado. Não será reforçando o Pacto do Atlântico — com suas incoerentes bases militares em todo o mundo, com o tremendo peso dos armamentos bélicos impostos a numerosos países que lhe são filiados — que

se contribuirá para o alívio da tensão internacional. Não preferíveis formulações como esta: "Concordam finalmente em que devem ser adotadas medidas posteriores para eliminar as restrições discriminatórias ao comércio". Isto, sim, contribui para a paz.

Eisenhower entre dois fogos

A viagem empreendida por Eisenhower neste fim de ano destina-se a preparar, entre os aliados dos Estados Unidos, a próxima conferência de chefes de Estado.

Para que essa conferência dê resultados positivos, em favor do prosseguimento do alívio da tensão internacional e da paz, é necessário que sejam dados passos concretos em prol do desarmamento.

Mas Eisenhower, ao mesmo tempo que atende aos profundos anseios do povo norte-americano de uma aproximação com a União Soviética — única maneira de fortalecer a paz mundial — vê-se acossado pelos "grandes negócios", os monopólios internacionais, que têm no armamentismo uma grande fonte de fabulosos lucros. Ainda puxam Eisenhower para trás homens

como o vice-presidente Richard Nixon, o multimilionário Nelson Rockefeller, ambos pretendentes potenciais à substituição de Eisenhower na Casa Branca, sem falar em generais e almirantes que nos últimos 13 anos se habituaram a usar a linguagem das ameaças de força e, algumas vezes, a empregar a força bruta, como fizeram na Coreia e no Líbano.

E verdade que o próprio saenamento iniciado na atmosfera internacional permite a Eisenhower livrar-se de militantes agressivos como Mac Elroy, recentemente demitido da Secretaria da Defesa (Ministério da Guerra). Mas as forças mais reacionárias persistem em manter a guerra fria e rejeitam terminantemente qualquer possível acordo com a URSS.

usar à mercê da política agressiva que viaha sendo seguida por Dulles. O desaparecimento do chefe da diplomacia norte-americana foi a grande oportunidade para o Primeiro-Ministro inglês Mac Millan entrar abertamente em cena objetivando uma aproximação entre o Leste e o Oeste. A viagem de MacMillan à URSS — contra a vontade manifesta dos mais agressivos dirigentes da política dos Estados Unidos — foi a primeira grande evidência de que finalmente o Ocidente se dispunha a tender ao apelo feito há anos por Moscou: coexistência pacífica. Washington não tinha outra alternativa senão concordar com Londres em tal emergência.

2

Subsistem, porém, contradições sérias entre a Inglaterra e a França e Alemanha Ocidental. As relações entre Bonn e Londres se tornaram mais tensas depois da visita de MacMillan a Moscou. Na semana passada, o chanceler Adenauer foi a Londres, mas tudo indica que sem grandes resultados. Os choques de interesses comerciais entre a Inglaterra e a Alemanha Ocidental são grandes, tanto na Europa como em outras zonas do chamado "mundo livre" — Espanha inclusive. No terreno militar, Adenauer prefere a continuação da corrida armamentista, visando fortalecer as posições da Alemanha de Bonn na Europa Ocidental, o que contraria a Grã-Bretanha.

3

Há discordâncias entre Londres e Paris. Londres não vê com bons olhos a política de "grandeza francesa" do general de Gaulle. Muito menos a política atômica da França.

4

Tanto Paris como Bonn pretendem "autonomia" ante Washington. De Guebre não quer aparecer como figura de segunda categoria entre os "grandes". Adenauer



5

Italo sem falar nas naturais contradições entre os Estados Unidos e outros países menores, como a Turquia e o Paquistão, cujos

governos reacionários são sustentados pelas armas americanas, mas que ao mesmo tempo se vêem entorpecidos em seus movimentos (comerciais, por exemplo), na medida em que dependem economicamente dos EEUU.

Tentativa de conciliação

Dal a atual excursão do Presidente Eisenhower: é mais um esforço de sua parte — e neste sentido bastante louvável — de eliminar divergências que obstaculizam a nova tendência que se esboça da política norte-americana de aproximação com o Leste, em vez de ameaças de guerra nuclear.

Porque alguns governantes de certos países da OTAN temem a paz como o Diabo teme a cruz. Sua política — interna e externa — está baseada nos velhos planos de guerra traçados por Foster Dulles, hoje antiquados. O grande trabalho de Eisenhower será convencê-los de que não há outra alternativa ante a ameaça de uma catástrofe atômica universal, do que o desarmamento geral e a coexistência com os países socia-

listas. O grande temor da reação mundial é que, num clima de paz, de coexistência pacífica entre as nações, o socialismo avance, as forças democráticas e socialistas aumentem sua influência.

Os povos não têm este receio. É um fato novo um Presidente norte-americano ser aclamado entusiasmadamente pela massa popular, como aconteceu com Eisenhower na Itália. Eisenhower, mesmo enfrentando divergências em seu próprio governo e, sobretudo, entre as classes dominantes norte-americanas, vai agora em missão de paz. E enquanto for este o seu empenho os homens simples o aclamarão com o mesmo ardor com que valaram e brindaram "go home" aos generais americanos que faziam de caixeiros-viajantes dos traficantes de guerra.

Algumas Lições Da Crise Janista

RUI FACÓ

Dois derrotas pré-eleitorais consecutivas sofreu, nos últimos dias, a candidatura do sr. Jânio Quadros. A primeira foi a indiferença com que o povo recebeu sua espalhafatosa «rendência». O sr. Quadros e seus assessores pensavam comover a opinião pública nacional, levar as massas populares para as ruas, fomentar um espírito «revolucionário» entre a pequena-burguesia.

Nada disso aconteceu. O tiro saiu pela culatra. A «rendência irrecorrível» duraria menos de duas semanas. As réplicas do sr. Jânio Quadros para que não o importunassem com pedidos de retorno eram, na verdade, incitações a um verdadeiro movimento nacional pela sua «volta». O sr. Quadros pretendia criar um novo sebastianismo em torno de sua pessoa. Vimos as «petições», os «cabalço-azimados» no bairro grá-fino de Copacabana, com altos-falantes estridentes chamando o povo. Em torno das mesinhas janistas formavam-se mingados grupos de jovens divertidos e senhoras alegres, que se revezavam na assinatura das listas pelo «regresso» de Jânio.

Era esse o seu movimento de «massas». O sr. Jânio Quadros pretendia mostrar à UDN que era candidato independente dela, que não fora nenhum favor ter seu nome indicado por dois terços da convenção udenista. Tentava, ao mesmo tempo, desembaraçar-se das exigências, das disputas de cargos, de compromissos sacados sobre um futuro incerto — das contradições, enfim, que fervilham dentro da UDN e entre a UDN e os três pequenos partidos seus caudalários.

Os fatos mostraram que nem a UDN pode ir às eleições sem Jânio nem Jânio sem a UDN. Jânio «votou» e a UDN teve que recebê-lo — ambos mutuamente humilhados.

Nesse meio tempo, a outra encenação da sua «mais fanática» do janismo vinha completando a pantomima: o elevatissimo aragariano. Foi a segunda derrota pré-eleitoral da candidatura Jânio Quadros. Os aragarianos estavam certos de serem os novos Fidel Castro de uma rebelião que levaria o sr. Jânio Quadros ao Poder, sem essa exigência incômoda que determinados setores da pequena burguesia tanto desprezam e odeiam: o voto popular.

Mas os bravos aeronautas caçadores de onça ficaram no mata sem cachorro. O povo lhes deu as costas. Tiveram que render-se ou escapar às pressas para o Paraguai do dilador da Standard Oil, Stroessner, e outros países vizinhos. Seus únicos aderentes civis, uma pobre funcionária da Fundação Brasil Central, apareceram chorando na primeira página do «Diário de Notícias».

Uma das lições a tirar da «rendência» de Jânio é quanto ao caráter do próprio Jânio. Um dos jornais que mais ardentemente vinha fazendo a sua campanha, o «Correio da Manhã», teve que torcer caminho para não comprometer-se com a falta de vergonha alheia. Sabia que Jânio não podia cumprir sua palavra quanto à «irrecorribilidade» da «rendência». E considerou com prejuízo que a vassoura janista ficaria reduzida a um mísero cabo...

Outra lição é quanto à estardalhaçada popularidade de Jânio. Não é grande, muito menos invencível, como pretendiam os prolegos da sua candidatura antes da «rendência». De eleitorado dos grandes partidos, Jânio conta com o da UDN, e não todo. Um terço dos convencionais udenistas votou contra Jânio. A suscitação através da «rendência» foi negativa.

Em ambos os episódios — tanto na «rendência» como na corrida dos aviadores janistas para o mata — é digno de nota o soberano desprezo pelo povo. O povo não existe para essa gente. Jânio vê o povo como simples massa de manobra para seus fins aventureiros de homem clinicamente místico, mas não tanto que não se apoie em Rockefeller, uma força bastante terrível. No fundo, por todos os seus gestos, por todos os seus atos, ontem como hoje, Jânio Quadros vota absoluto desdém ao povo, ao homem simples, ao trabalhador. E isto é perfeitamente natural num dos representantes mais típicos de certas camadas da pequena burguesia que, em política, não horas difíceis, nos entrecalços de classes, tendem para aventuras desesperadas. Foi desta «massa» que saiu a base do fascismo antes da guerra.

Para se ver a conta em que os janistas mais fanáticos têm o povo, basta ler alguns artigos ou crônicas aparecidos no auge da crise do janismo-udenismo. Este trecho, por exemplo, do sr. H. Fernandes: «Mas uma coisa é certa: a crise moral do país é muito maior do que se supunha, e ficou evidenciada nos dois episódios. Há mais gente frouxa, acomodada, irresponsável, covarde, inquietada, medrosa, desinteressada, desfebrida e que era licito esperar». («Diário de Notícias», 6-12-59). Outro janista fanático, o sr. Corrêa, arremente, por sua vez, contra a Câmara Municipal do Rio, em bloco, chamando-a de «legião de ladrões», num insulto gratuito aos que a elegeram.

É este o estado de espírito dos janistas perante o povo, o eleitorado, na eleições vindouras, das quais demonstram, lá agora, medo pânico.

Dois breves conclusões: 1) A «volta» de Jânio, ante a absoluta indiferença popular, é um sinal de que não pode ele ignorar os partidos, mesmo lhes tendo averçado, como demonstra sem rebuços. Com todas as suas debilidades — e a injustificável ausência do legítimo partido do proletariado das lides legais, o Partido Comunista — os partidos políticos burgueses são uma força que não pode ser ignorada nem menosprezada, a não ser pelos candidatos a ditadores.

2) O povo brasileiro não está para aventuras quarteleiradas. São difíceis as condições de vida das grandes massas, sobretudo dos trabalhadores. Mas estas querem resolver, na medida do possível, por meios pacíficos, seus graves problemas, sem renunciar jamais às lutas por aumento de salários, contra a carestia, por melhores condições de existência, em suma. Nunca através de aventuras golpistas. O caminho mais certo que se lhes apresenta hoje é apoiar e reforçar a frente nacionalista, em torno da candidatura de um patriota, de um homem sério e honesto, Henrique Teixeira Lott. Cabe às forças populares dar a esta candidatura um caráter cada vez mais concorde com as aspirações do progresso e bem-estar do povo, dos trabalhadores.

Contradições na OTAN

Quando se aproximou a visita de Kruschiov aos Estados Unidos (meados de setembro), Eisenhower excursionou pela Europa. Tinha que dar uma satisfação aos principais aliados do Pacto do Atlântico Norte, sobretudo o chanceler Adenauer, da Alemanha Ocidental, e o Presidente da França, general de Gaulle.

Esta visita, longe de representar um sinal de unidade entre os parceiros da OTAN, evidenciava a existência de profundas contradições no seio da aliança militar ocidental.

Em vão Eisenhower tentou

justificar a nova posição a que tendiam os Estados Unidos, forçados pelas circunstâncias: a impossibilidade de prosseguir indefinidamente a guerra fria.

Mas, durante o decurso da existência do Pacto do Atlântico Norte geraram-se uma série de contradições cada vez mais agudas entre os Estados Unidos e seus aliados e entre vários destes.

A principal e mais séria das contradições surgira entre a Inglaterra e os Estados Unidos. A Inglaterra não podia mais conti-

Kruschiov: Quanto Mais Ceddo Melhor a Reunião De Cúpula

A 1ª do mês corrente, e chefe da delegação do Partido Comunista da União Soviética ao Congresso do Partido Socialista Operário da Hungria, Nikita Kruschiov, pronunciou um discurso que teve repercussão mundial.

Kruschiov reafirmou e apoiou a solidariedade irrestrita da União Soviética aos trabalhadores húngaros em sua nobre causa de construção do comunismo. E tratando da situação internacional disse:

— Os inimigos do socialismo não renunciaram ainda a seus planos de derrota do campo socialista e, naturalmente, buscam os elos fracos neste campo. Querem ajustar as contas separadamente com cada país socialista. Devemos ter em vista este perigo, pois não lhe falta base, e devemos fazer o possível para que os inimigos percam suas esperanças, para que as suas esperanças não se justifiquem. Cada país socialista em separado e todo o campo socialista em conjunto são hoje tão poderosos que suas forças são invencíveis. Mas isto não significa absolutamente que os inimigos não irão aplicar dentro de cada país métodos subversivos, que não tentarão lançar um país socialista contra outro, a fim de debilitar por este modo as forças do socialismo. Dal serem uma lei suprema os princípios imutáveis do internacionalismo proletário, lei imutável do movimento comunista internacional.

FORÇAS CONTRA A PAZ

KRUSCHIOV acrescentou que o problema mais importante e mais agudo de nossos dias, que preocupa a centenas de milhões de homens simples do globo terrestre, é o alívio da tensão internacional, da conjuração da guerra e o estabelecimento de uma paz firme e duradoura na terra. Kruschiov mencionou os ingentes esforços reali-

zados pela União Soviética e pelos demais países socialistas para garantir a segurança geral, e que determinaram um certo alívio da tensão internacional. No entanto, disse Kruschiov, existem ainda não poucas forças que procuram reafrear por todos os meios o alívio da tensão internacional iniciado e manter o estado de guerra fria.

CS COMUNISTAS E A GUERRA

OS comunistas, acrescentou Kruschiov, jamais ocultamos, nem o ocultamos, que somos partidários convictos e combatentes ativos por uma organização da sociedade que ponha

térmo à exploração do homem pelo homem, à opressão de uns povos por outros, onde estejam asseguradas a liberdade e a felicidade para todos os homens e todos os povos. Precisamente por isso, os comunistas são os mais consequentes adversários da guerra.

Os países socialistas não advogam nenhuma causa que os incite ao desarmamento da guerra, à difusão de suas idéias com ajuda das armas. Nossa política de coexistência pacífica é clara e compreensível. Temos nos pronunciado nos pronunciados pela solução de todos os problemas em litígio, ou pendentes nas relações entre os

Estados, por meios pacíficos, através de negociações.

Mas, naturalmente, acrescentou o dirigente soviético, jamais renunciaremos a nossos princípios ideológicos. Mantemos e continuaremos mantendo uma luta sem tréguas pela ideologia marxista, pelo triunfo dos elevados ideais do comunismo. Nenhum Partido Comunista, se é realmente um Partido Comunista, jamais declarou, onde quer que seja, nem poderia fazê-lo, que conta com a guerra para atingir seus objetivos.

Continuaremos lutando consequentemente pela coexistência pacífica, pelo desarmamento universal e pela segurança geral. Esperamos que os próximos encontros de alto nível sejam um novo passo neste rumo.

O ENCONTRO DE CÚPULA

KRUSCHIOV desmentiu em seu discurso as notícias de certas agências telegráficas e jornais do Ocidente de que estaria ele desinteressado agora pela conferência de cúpula. Afirmou o Primeiro-Ministro soviético:

— Sempre consideramos os encontros de chefes de Estado proveitosos, e quanto mais cedo se realizem, tanto melhor. Entretanto, devemos encarar seriamente o problema da convocação da conferência e levar em conta os desejos dos demais participantes. O governo soviético está disposto a celebração desse encontro no tempo e lugar aceitáveis por todos os seus participantes.

A SITUAÇÃO NA EUROPA

KRUSCHIOV afirmou que todos os políticos que pensam de maneira realista reconhecem que adveio um alívio na tensão internacional. E acrescentou:

— É preciso desatar os nós, arredar do caminho as pedras acumuladas com a guerra fria e que impedem a normalização da situação internacional. Um desses fenômenos anormais é a situação na Europa, onde se acham concentradas tropas de ambos os campos, o capitalista e o socialista. Aqui, na Europa, devem demonstrar precisamente a maior solicitude pela normalização os que estão interessados na paz, os que desejam realmente melhorar as relações entre os Estados.

Kruschiov fez referências à importante proposta da URSS na ONU pelo desarmamento geral e total dizendo:

— Estamos dispostos a assinar esse acordo a qualquer momento e a levá-lo à prática à base do mais amplo controle, sob a égide da ONU ou de outro organismo internacional.



NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragomen Borges
REDATORES
Almir Matos, Rui Facó, Paulo Mota Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardin.

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 17º andar, S/1712
— Tel: 42-7344
Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9º andar, S/901
Enderço telegráfico — NOVOSRUMOS
Anual Cr\$ 250,0
Semestral . . . " 130,0
Trimestral . . . " 70,0
Áerea ou sob registro despesa à parte
N. avulso Cr\$ 5,0
N. atrasado .. " 8,0